

## RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

### AGENDA 21 LOCAL: UMA CONSTRUÇÃO NUM CONTEXTO DE LETRAMENTO

*Edinaldo Medeiros Carmo\**

*Ludmila Oliveira Holanda Cavalcante\*\**

*Luiz Antônio Ferraro Júnior\*\*\**

**Resumo:** O trabalho descrito aqui é fruto de uma intervenção educacional, como processo de educação ambiental, realizado na comunidade do Assentamento Fazenda Nova, município de Rafael Jambeiro – BA, com o objetivo de construir uma Agenda 21 Local, a partir da identificação dos problemas existentes na comunidade e da elaboração de propostas para superá-los. Na intervenção respeitamos os preceitos da autonomia, participação, empoderamento, pertencimento e inacabamento, por acreditarmos serem elementos essenciais na construção de espaços democráticos que fortalecem os movimentos sociais e, ainda, desencadeiam processos de conscientização e emancipação dos sujeitos, diante de suas realidades socioambientais.

**Palavras-chave:** Participação. Planejamento participativo. Intervenção educacional.

---

\* Mestrando em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb).

\*\* Doutoranda em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Sociologia da Educação pela University of London, Inglaterra. Professora da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs).

\*\*\* Doutorando em Desenvolvimento Sustentável. Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs).

### **Primeiras palavras**

O relato, a seguir, visa descrever e analisar um trabalho de cunho educativo, com enfoque sociopolítico e ambiental, realizado durante o Curso de Especialização em Educação Ambiental para a Sustentabilidade, destinado à comunidade do Assentamento Fazenda Nova, município de Rafael Jambeiro, que fica, aproximadamente, a 160 km de Salvador, ao sul da BR 116, Bahia. A comunidade é composta de, quase, 600 pessoas deslocadas do município de Santo Estevão, por ocasião da construção da barragem Pedra do Cavalo, quando o local em que moravam foi inundado com a formação do lago.

Quando ali chegaram, há dezessete anos, junto com a casa e alguns hectares, os moradores receberam promessas de irrigação, com assistência especializada, direito à concessão de uso das águas remanescentes do lago, projeto de piscicultura, implantação e execução de programa, tendo em vista a organização socioeconômica para a melhoria do padrão de vida das famílias. No entanto, os anos foram passando e as promessas foram esquecidas, assim como as pessoas ali assentadas.

Ao longo desses anos, a comunidade foi criando a sua própria dinâmica de sobrevivência: dos cajueiros, aproveitam a castanha que, depois de torrada, é vendida às margens da BR; do rio Paraguaçu, retiram peixe para subsistência e, também, numa escala maior, camarão, que é vendido para outros mercados.

Embora o rio esteja a, aproximadamente, 5 km, a falta de água é o maior problema dos moradores da Fazenda Nova. A bomba de captação e distribuição estava quebrada há dois anos. No período da seca, o carro-pipa abastece o reservatório da escola, mas, em duas horas, não há mais água.

Desta forma, questionamos até que ponto a fragmentação do processo histórico dessas pessoas, somada a essa trama de desilusão, influencia na descaracterização de valores sociais e culturais dos sujeitos.

Pensando em contribuir para o desenvolvimento de metodologias participativas para elaboração e implementação das Agendas 21 Locais, pretendíamos estimular a participação da comunidade, na luta pela melhoria da qualidade de vida, contribuindo com a formação de valores e atitudes, frente às questões ambientais dos moradores do Assentamento Fazenda Nova, possibilitando o fortalecimento do grupo como sujeitos portadores de uma identidade cultural própria.

Portanto, foi por meio do diálogo e do respeito aos saberes dos envolvidos, elementos essenciais para execução dessa proposta, que passamos a acreditar na emancipação daqueles sujeitos, buscando alternativas próprias às problemáticas detectadas.

### **Fundamentando**

Freqüentemente, a palavra Educação está diretamente vinculada ao espaço escolar ou a outros espaços dos quais a imagem do educador é quase indissociável. No entanto, a prática educativa extrapola os limites impostos por esta concepção, de forma que, em todas as atividades humanas, a educação aparece como fenômeno social e universal, indispensável ao funcionamento de todas as sociedades.

A educação do homem existe por toda parte e, muito mais que a escola, é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre os seus participantes. É o exercício de viver e conviver o que educa. E a escola de qualquer tipo é apenas um lugar e um momento provisórios onde isto pode acontecer (BRANDÃO, 1995, p. 47).

Toda e qualquer intervenção educacional pode ser destinada a qualquer grupo social, porque a educação, como processo de ensino-aprendizagem, dá-se em todas as esferas sociais, culturais, econômicas, principalmente, quando o objetivo é a melhoria da qualidade de vida dos envolvidos.

Pensando numa educação que tem como base a emancipação dos sujeitos, o educador precisa ter a noção de como utilizar o conhecimento adquirido no momento certo, tendo em vista a importância do conhecimento dos envolvidos, seus medos, perspectivas – características para relação pedagógica – e a realidade em que estão inseridos.

### **Discutindo educação, como premissa básica para o trabalho com educação ambiental**

Temos observado mudanças na economia, na sociedade e no mundo do trabalho, pela maior importância que os modelos de desenvolvimento começaram a dar aos processos de aprendizagem em grupo, aos valores culturais e a propagar uma nova cultura organizacional que, em geral, exige aprendizagem de habilidades fora da escola.

No entanto, ainda temos uma imagem da instituição escolar como palco, por excelência, de aprendizagens elaboradas, pensadas, planejadas, centro da produção do saber científico em oposição ao saber popular.

Num conceito de educação articulado ao conceito de cultura, a educação é entendida como forma de ensinar e aprender que se adquire durante toda a vida. Podemos, brevemente, ilustrar algumas das dimensões educacionais, tidas como educação formal, informal e não formal, que permeiam o nosso cotidiano. A educação formal, desenvolvida nas escolas, é apenas uma das modalidades de educação, que tem sido discutida, polemizada e redimensionada em seu processo de inserção na sociedade (SAVIANI, 1986).

A educação informal é aquela que ocorre espontaneamente entre sujeitos ou a que ocorre por intermédio dos meios de comunicação de massa (rádio, TV, cartazes). Já a não formal ocorre da intencionalidade de criar ou buscar determinadas qualidades ou objetivos (GOHN, 2001).

A Educação Ambiental, portanto, não vai de encontro ao saber popular, impondo um saber erudito, mas busca, nessa educação dita popular, encontrada nos movimentos sociais, elementos para tentar superar os problemas sociopolíticos e ambientais encontrados.

[...] o indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser analfabeto, mas ser, de certa forma, letrado. Assim, um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros lêem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado escreva, se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixadas em algum lugar, este analfabeto é, de certa forma, letrado, porque faz usos sociais de leitura e de escrita (SOARES, 2000, p. 24).

Nesse contexto, o papel do educador vai muito além do de levar suas técnicas de superação de dificuldades, seja econômicas, sociais e/ou ambientais, pois, agindo dessa forma, nega ao homem o poder de transformação de que ele é capaz. O processo de intervenção, pautado nesta concepção dialógica de educação, torna-se um ponto de partida para o nosso trabalho com educação ambiental.

A missão do educador ambiental consolida-se em fortalecer os valores da ética, do respeito à vida, da responsabilidade, da honestidade, da solidariedade, da cidadania, superando o ensino teórico fragmentado e

descontextualizado da realidade, historicamente fornecido pela educação formal. Consolida-se e tenta ajudar na construção de posturas mais autônomas diante das condições de vida e sociedade que se apresentam no seu cotidiano de atuação. Portanto, ao educador, à educadora, cabe o desafio de superar essa dicotomia entre teoria e prática, pois homens e mulheres, mediante a solidariedade e os valores anteriormente mencionados, poderão compreender a complexidade do trabalho com o meio ambiente, que também é social, econômico, político, cultural, buscando atuar nele de forma mais consistente e capaz de produzir processos emancipatórios.

### **Assim fizemos**

Tendo em vista esta percepção do trabalho com educação ambiental, precisávamos de uma proposta metodológica que contemplasse um trabalho de intervenção capaz de inserir a comunidade no seu próprio processo de construção local.

A Agenda 21,<sup>1</sup> mais do que uma agenda de cunho ambiental, é uma agenda para a construção de um novo modelo de desenvolvimento, que contemple os conceitos de cooperação e parceria, educação e desenvolvimento individual, equidade e fortalecimento dos grupos sociais, planejamento, desenvolvimento da capacidade individual e informação, prevendo a elaboração e a implementação de agendas globais, nacionais, regionais e locais.

A Agenda 21 Local é, portanto, uma metodologia que cria espaços de participação para discussão dos problemas, a partir do contexto em que os indivíduos estão inseridos e, também, de reflexão e busca de alternativas para superá-los.

A fim de que tivéssemos um significativo envolvimento e participação de todas as pessoas interessadas na concretização da proposta, a metodologia utilizada foi a da pesquisa-ação. À medida que a intervenção foi acontecendo, fomos percebendo que não estávamos ali para pesquisar sobre os sujeitos envolvidos, mas pesquisar com eles. Sobre os elementos presentes nessa modalidade de pesquisa, comenta Thiollent (1985, p. 83):

<sup>1</sup> Diante das disparidades sociopolíticas, econômicas e ambientais com que findamos o século XX, podemos apontar para o esgotamento do modelo de desenvolvimento que, ao longo desses anos, mostrou-se ecologicamente predatório, socialmente perverso, politicamente injusto, culturalmente alienado e eticamente censurável. Os chefes de Estado ou de Governo presentes na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, que aconteceu no Rio de Janeiro, em junho de 1992, firmaram acordos diplomáticos, políticos e ideológicos para rever suas políticas de desenvolvimento, entre estes a Agenda 21.

A pesquisa-ação supõe uma participação dos interessados na própria pesquisa organizada em torno de uma determinada ação [...]. Em geral, trata-se de uma ação planejada, de uma intervenção com mudanças dentro da situação investigada.

Com respaldo nesse enfoque, foi propiciado amplo espaço de participação, possibilitando a construção do processo histórico pelo conhecimento trazido pelos indivíduos, em momentos inter-relacionados de sensibilização, mobilização, informação e ação.

### **Sensibilizar para promover pequenas mudanças**

A sensibilização ocorreu no início e durante todo o processo, por meio de diálogos acerca dos problemas identificados, procurando questionar a realidade atual e suas ações na condição de atividades transformadoras. Aos poucos, foi emergindo uma Reconstituição Histórica (costumes, valores, dificuldades, desejos...) da comunidade, fundamental para sensibilizá-la ao diálogo conjunto e ao seu uso como ferramenta de um processo de mudança.

### **Mobilizar para refletir juntos**

Durante os contatos estabelecidos individualmente, foram acordados encontros posteriores com outras pessoas ou grupos para aprofundar as questões ora levantadas e discutir alternativas de superá-las. Com encontros sistemáticos ao longo de quatro meses, contamos com um grupo de, aproximadamente, trinta participantes, entre jovens e adultos, e uma significativa participação das mulheres.

### **Informar e informar-se para fortalecer o grupo**

Embora tenhamos defendido até aqui a importância dos conhecimentos trazidos pela comunidade, nesta etapa buscamos outras informações necessárias para dar consistência à intervenção, procurando contextualizá-las e relacioná-las com nosso foco de atuação, em todos os momentos, partindo, entretanto, dos saberes dos assentados e destes para outras formas de elaboração do pensamento.

Considerando que parte significativa dos participantes não dominava a leitura e a escrita, procurávamos utilizar gravuras, recortes de jornais e de revistas para sistematizar nossas discussões.

Nos encontros seguintes, o diagnóstico era sistematizado para ser apreciado e, quando necessário, complementado para, posteriormente, ser validado pelos participantes do fórum. Dessa forma, tínhamos espaço para discutir individualmente os problemas e soluções em cada temática e o momento de relacioná-las umas com as outras.

Ressaltamos outro aspecto importante: o diagnóstico estratégico, que surgiu de uma Reconstituição Histórica, pois entendíamos que, só diante de uma reflexão do que antes possuíamos e do que temos hoje, poderíamos pensar juntos e planejar o futuro, ou seja, construir um lugar melhor. E foi assim que começamos o Planejamento Participativo das Ações.

### **Pensar para agir coletivamente**

Neste momento, aconteceu a organização das estratégias que garantiriam a continuidade da proposta com a descentralização e o incentivo à autogestão do grupo e da comunidade. Conforme o diagnóstico de cada temática, fomos elaborando ações e, para cada uma delas, fomos estabelecendo o quê, como, quando, quem e com quem fazer.

Estabelecidas as ações e definidas as prioridades, restava-nos agir de forma mais concreta. Realizamos, então, uma Oficina de Elaboração de Ofícios. O interessante, desse momento, é que poucas pessoas sabiam ler e escrever, porém esse fato não representou empecilho para o processo de participação em que estávamos envolvidos. Os poucos que sabiam se tornaram escribas dos subgrupos formados e, no final, as produções eram socializadas e reestruturadas pelos participantes e, só depois do consenso, validadas.

### **As conquistas**

Posteriormente, ao retornarmos para avaliar as ações planejadas, soubemos que os ofícios tinham sido encaminhados e, como resposta, a bomba de captação de água, enfim, foi consertada e os moradores já estavam recebendo água em suas casas.

O grupo mantém-se disposto a continuar os encontros para repensar o planejamento, discutir sobre associativismo e cooperativismo e firme no desejo de fortalecer a Associação de Moradores.

Outros aspectos foram percebidos durante o processo como, por exemplo, a revalorização da identidade cultural que foi desrespeitada no deslocamento.

A participação no contexto de Agendas 21 Locais é um instrumento pedagógico que possibilita o envolvimento de cada um com o projeto coletivo e que fornece os sentimentos de pertencimento e importância de si para o todo, para os outros, para o ambiente; e, pertencimento e importância do outro e do ambiente para a minha realização como pessoa (SORRENTINO; TASSARA, 1999, p. 186).

Por meio das atividades desenvolvidas durante o diagnóstico participativo, alguns moradores passaram a ver o assentamento como o seu lugar, mesmo não sendo o de origem. Não negaram esforços para apontar as dificuldades enfrentadas ali e, principalmente, para sugerir e buscar alternativas para solucioná-las. Assinalaram, como uma das ações da Agenda 21 Local, o fortalecimento das tradições culturais e tornaram o Dia de São José (manifestação religiosa local) um grande momento de encontro e festividade entre os moradores. Até mesmo o Reisado que, praticamente, já não era festejado entre eles, ocorreu em vários momentos durante os meses de janeiro e fevereiro.

Tudo leva a crer que os moradores possuíam perspectiva de vida futura. As alternativas de sobrevivência, que eles foram criando ao longo do tempo em que estão ali, comprovam isso.

No diagnóstico inicial, apontavam alguns aspectos que nos faziam entender que o desenvolvimento que pretendiam para o Assentamento Fazenda Nova estava ligado, algumas vezes, aos grandes centros e, raramente, ao contexto socioeconômico e cultural próprio. No entanto, com a intervenção, as próprias concepções de desenvolvimento e sustentabilidade começaram a se reconstruir entre eles.

Em vários momentos, observamos o desejo que eles têm de que a Associação volte a funcionar com eficiência e, o que é mais importante, eles percebem que ela é a forma de representação que fortalece a comunidade e relacionam a sua importância para a concretização das ações construídas na

Agenda. Assim, buscaram apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais na luta em prol do título da terra, encaminhamentos de aposentadorias e ativação da Associação. Além disso, vários ofícios foram elaborados pela própria comunidade, buscando a concretização das ações traçadas.

A participação foi um aspecto que procuramos enfatizar desde o início e, aqui, entendida não apenas como presença física; estamos falando de participação política, social e de caráter subjetivo. Acreditamos ser ela um elemento propulsor no processo de emancipação de homens e mulheres, no gerenciamento instrumental de suas emoções, a chamada inteligência emocional.

Foi possível perceber o amadurecimento das reflexões do grupo, assim como o forte compromisso com os nossos encontros. Algumas vezes, eles chegavam com os seus instrumentos de trabalho, outras vezes traziam a lata d'água, para enchê-la depois da reunião.

Desde o início, percebemos que muitos deles não dominavam a leitura e a escrita, mas, ao longo da intervenção, várias leituras foram evidenciadas. Se as palavras lhes fugiam aos olhos, outras palavras compunham reflexões muito interessantes acerca de tecnologias alternativas na busca de subsistência, cadeia alimentar, uso dos recursos naturais, crenças... Constatamos, ainda, que eles puderam escrever outros destinos para o Assentamento Fazenda Nova e que a intervenção suscitou o desejo de aprender a ler e escrever.

### **Razões para acreditar**

Nos caminhos que fomos percorrendo, encontramos pessoas desencantadas por terem sido esquecidas pelas autoridades que lhes prometeram dias melhores e pelo tempo, que se encarregou de tornar suas vidas essa labuta. Mas, também, encontramos pessoas encantadas com a vida, que, não obstante as dificuldades, constroem, recriam, têm esperança na vida, no outro...

Criam uma tecnologia local: as crianças que substituem as bolas de gude por castanhas de caju; os pescadores que usam garrafas *pet* para pescar camarão. Tem visão de futuro: a mãe que aproveita o intervalo do almoço para estudar com o filho. Lutam pela autonomia: as mulheres que buscam apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais para conseguir o título da terra.

Essas são apenas algumas das razões para continuar acreditando na organização como instrumento de mudança, pois o convívio com os assentados da Fazenda Nova encheu-nos de esperança na vida, no homem, na participação, como elemento de uma mudança que nossas utopias teimam em nos levar a acreditar.

Alguns aspectos dificultam a concretização dessa proposta, até porque a percepção pela comunidade da perspectiva do empoderamento para a emancipação constitui um processo lento, assim como a dependência de infraestrutura, como telefone para contatos, acesso às instituições, que, muitas vezes, inviabilizam a concretização de algumas ações, o que nos remete à constatação dos limites da prática educacional em um contexto carente de políticas públicas, infra-estrutura e pouca intencionalidade de transformação.

Não poderíamos deixar de falar de um aspecto que, no início, nos amedrontou: a maioria dos participantes não sabia ler e escrever. No entanto, em nenhum momento, esse aspecto atrapalhou o desenvolvimento das atividades. Aqueles homens e mulheres não dominavam o código escrito, mas faziam suas leituras de mundo, de pessoas, de fatos.

Assim, no momento em que a humanidade vive suas crises decorrentes dos modelos de desenvolvimento adotados, vivemos também a crise das utopias, nossas verdades parecem limitadas. No entanto, voltando-nos para o homem e a mulher, para o seu bem-estar total, encontramos razões para continuar acreditando, por saber que as nossas utopias movem os nossos sonhos e os tornam realidade.

Hoje, escrevendo e reescrevendo este trabalho, questionamo-nos na condição de educadores: E agora, qual o caminho?

A sede, o sol, o peso da lata, as letras embaralhadas, a castanha em vez da gude... essas marcas fazem-nos educadores inacabados, que acreditam no homem, na mulher, na vida, na organização e na participação como possibilidades de mudança em nós e nos outros.

**LOCAL AGENDA 21:  
A CONSTRUCTION IN A LETRAMENTO CONTEXT**

**Abstract:** This article is a result of an environmental educational intervention process developed at Fazenda Nova Settlement, in the municipality of Rafael Jambeiro, Bahia, Brazil. The project had the objective of elaborating a 21 Local Agenda, based on the problems that existed in that community, as well as the discussions and actions proposals to solve them. This process took into consideration principles such as autonomy, participation, empowerment and sense of belonging due to the belief that these are essential issues for the construction of a democratic space which strengthens Social Movements and helps people's political perception and emancipation within their social and environmental context.

**Keywords:** Participation. Participative planning. Educational intervention.

**REFERÊNCIAS**

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

GOHN, M. da G. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SOARES, M. B. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. São Paulo: Autores Associados, 1986.

SORRENTINO, M.; TASSARA, E. **O município no século XXI: cenários e perspectivas**. São Paulo: Cepam, 1999.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

Artigo recebido em: 14/06/2005.

Aprovado para publicação em: 18/07/2005.